



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DE PERNAMBUCO
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS
CURSO DE ECONOMIA

RHAFANNY CHARLLYTOW VASCONCELOS DAMASCENO

Compromissos autênticos com a sustentabilidade ou estratégias de *greenwashing*: como as 5 maiores empresas brasileiras listadas na bolsa de valores se comportam?

Recife,
2025

RHAFANNY CHARLLYTOW VASCONCELOS DAMASCENO

Compromissos autênticos com a sustentabilidade ou estratégias de *greenwashing*: como as 5 maiores empresas brasileiras listadas na bolsa de valores se comportam?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Economia da Universidade Federal de Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Economia.

Orientador (a): Profa. Dra. Ana Cristina Guimarães Carneiro

Recife,
2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE
Bibliotecário(a): Ana Catarina Macêdo – CRB-4 1781

D155c Damasceno, Rhafanny Charlytow Vasconcelos.
Compromissos autênticos com a sustentabilidade
ou estratégias de greenwashing: como as 5 maiores
empresas brasileiras listadas na bolsa de valores se
comportam? / Rhafanny Charlytow Vasconcelos
Damasceno. - Recife, 2025.
41 f.

Orientador(a): Ana Cristina Guimarães Carneiro.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) –
Universidade Federal Rural de Pernambuco,
Bacharelado em Ciências Econômicas, Recife, BR-
PE, 2025.

Inclui referências.

1. Responsabilidade social da empresa. 2.
Sustentabilidade. 3. Ambientalismo. 4. Empresas -
Brasil 5. Bolsa de valores. I. Carneiro, Ana Cristina
Guimarães, orient. II. Título

CDD 330

RHAFANNY CHARLLYTOW VASCONCELOS DAMASCENO

Compromissos autênticos com a sustentabilidade ou estratégias de *greenwashing*: como as 5 maiores empresas brasileiras listadas na bolsa de valores se comportam?

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Economia da Universidade Federal de Rural de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do título de Graduação em Economia.

Aprovado em: 20/02/2025

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Ana Cristina Carneiro (Orientadora)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dr. Diego Firmino Costa da Silva (Examinador interno)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Prof. Dra. Chiara Natércia França Araújo (Examinador interno)
Universidade Federal Rural de Pernambuco

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia, fruto de uma trajetória de esforço e aprendizado, a pessoas e seres especiais que são pilares da minha vida e da minha caminhada, mas sei que tudo acontece conforme a permissão de Deus, é Ele que me guia e me concede sabedoria diária para enfrentar os desafios da vida.

À minha amada esposa, Ana Gabriela Pilá dos Santos Vasconcelos, cujo amor, paciência e apoio incondicional me inspiraram a dar o meu melhor em cada etapa dessa jornada, e que está grávida de uma linda criança. Meus pais, Edvna Vasconcelos e Ailson Salvador Damasceno, por serem exemplos de dedicação, força e fé. Seus valores e ensinamentos são os alicerces que sustentam os meus passos.

Aos meus avós em vida, Nelson Carneiro da Cunha e Vovó Maria, pelo carinho e pela sabedoria que me ajudam a enxergar o mundo com humildade e gratidão. E *in memoriam* de Edna Vasconcelos e Luiz Salvador, cujas lembranças e legados são luzes que iluminam meu caminho, mesmo em sua ausência física. Agradeço profundamente aos meus irmãos, Rhayann e Rhaylanie Vasconcelos, por estarem sempre ao meu lado, oferecendo apoio e palavras de incentivo.

Não poderia deixar de expressar minha gratidão aos meus sogros e aos amigos que, com gestos grandes e pequenos, contribuíram para que eu alcançasse este marco tão significativo. Por fim, um agradecimento especial ao meu fiel companheiro, Nico, meu cachorro, cuja alegria e lealdade trouxeram momentos de descontração e felicidade em meio aos desafios.

E a professora Ana Cristina ao qual teve muita paciência e compreensão no processo de orientação desse trabalho, sempre buscando a excelência educacional. A todos vocês, dedico não apenas este trabalho, mas também o meu compromisso de honrar o amor e os valores que cada um de vocês representa em minha vida.

RESUMO

O estudo aborda os conceitos de Responsabilidade Social Corporativa (RSC) e Ambiental, Social e Governança (ESG) e *Greenwashing*, destacando a evolução de práticas empresariais voltadas à sustentabilidade. A pesquisa explora a aplicação dessas iniciativas nas cinco principais empresas brasileiras listadas na Bolsa de Valores em 2024, analisando o alinhamento entre ações declaradas e impactos reais. Discute-se também o fenômeno do *greenwashing*, caracterizado por estratégias enganosas de sustentabilidade que comprometem a confiança no mercado e desviam recursos de ações genuínas. Ao identificar e avaliar práticas concretas e inconsistências nas políticas de ESG, o trabalho busca contribuir para um entendimento mais crítico da responsabilidade corporativa no Brasil, especialmente em um contexto de alta relevância econômica e ambiental. Os resultados apontam para a necessidade de maior transparência, métricas confiáveis e um compromisso mais autêntico por parte das empresas no cumprimento de seus objetivos de sustentabilidade.

Palavras-chave: ESG, Sustentabilidade, *Greenwashing*, Empresas Brasileiras, Bolsa de Valores.

ABSTRACT

The study addresses the concepts of Corporate Social Responsibility (CSR), Environmental, Social, and Governance (ESG), and Greenwashing, highlighting the evolution of corporate practices aimed at sustainability. The research explores the implementation of these initiatives within the top ten Brazilian companies listed on the Stock Exchange in 2024, analyzing the alignment between declared actions and actual impacts. The phenomenon of greenwashing is also discussed, characterized by misleading sustainability strategies that undermine market trust and divert resources from genuine efforts. By identifying and evaluating concrete practices and inconsistencies in ESG policies, the study aims to contribute to a more critical understanding of corporate responsibility in Brazil, especially within a context of significant economic and environmental relevance. The findings underscore the need for greater transparency, reliable metrics, and a more authentic commitment from companies to achieve their sustainability goals.

Keywords: ESG, Sustainability, Greenwashing, Brazilian Companies, Stock Exchange.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. REVISÃO DA LITERATURA	10
3.1 Responsabilidade social e a sua evolução aos demais conceitos sustentáveis	12
3.2 Ambiental, Social e Governança	14
3.3 Greenwashing	15
3.4 Bolsa de valores e a sustentabilidade	17
3. METODOLOGIA	18
4. RESULTADOS	21
5.1. PETROBRÁS	26
5.2. ITAÚ	28
5.3. VALE	30
5.4. WEG	31
5.5. AMBEV	34
5. CONCLUSÃO	36
6. REFERÊNCIAS	39

1. INTRODUÇÃO

O aumento da conscientização sobre questões ambientais, sociais e de governança corporativa moldou novas expectativas em relação ao papel das empresas na sociedade. Essa transformação está refletida no conceito Ambiental, Social e Governança (ESG), que se consolidou como uma evolução da Responsabilidade Social Corporativa (RSC).

Ashley et al. (2003) consideram que a responsabilidade social engloba toda e qualquer ação da empresa que possa contribuir para a melhoria da qualidade de vida da sociedade. Já o ESG, refere-se a um conjunto de critérios ambientais, sociais e de governança que ajudam a medir a sustentabilidade e o impacto ético de uma empresa, influenciando tanto suas operações quanto suas decisões estratégicas" (ECCLES e KLIMENKO, 2019). É visto como uma evolução do RSC, propondo critérios objetivos para avaliar a sustentabilidade empresarial, tornando-se um parâmetro indispensável para investidores, consumidores e outras partes interessadas. Entretanto, a ascensão desse modelo também trouxe à tona o *greenwashing*¹, prática em que empresas alegam adotar ações sustentáveis de forma enganosa, prejudicando a confiança no mercado e desviando recursos de iniciativas legítimas.

A crescente valorização do ESG no mercado reflete um novo paradigma na atuação empresarial, no qual sustentabilidade e governança se tornam fatores estratégicos para competitividade. No entanto, essa ascensão também levanta questionamentos sobre a autenticidade das práticas adotadas pelas empresas, especialmente diante da recorrente acusação de *greenwashing*. O desafio de distinguir compromissos genuínos de estratégias meramente superficiais evidencia a necessidade de estudos mais aprofundados sobre o tema. Assim, compreender como as principais empresas brasileiras conciliam suas práticas ESG com a geração de valor econômico não apenas contribui para a transparência corporativa, mas também para a credibilidade do próprio conceito de sustentabilidade no ambiente de negócios.

¹ *Greenwashing* é a prática de empresas que promovem uma imagem de responsabilidade ambiental sem adotar práticas sustentáveis reais (Delmas & Burbano, 2011).

O presente estudo busca explorar a seguinte pergunta: como as 5 principais empresas brasileiras listadas na bolsa de valores em 2024 estão reagindo às demandas por *ESG* e enfrentando a questão do *greenwashing*? Parte-se da hipótese de que, enquanto algumas empresas implementam práticas autênticas de *ESG*, outras utilizam o conceito como estratégia de marketing, priorizando ganhos reputacionais em detrimento de impactos concretos, sem adotar compromissos seguros com a prática da sustentabilidade. O objetivo deste estudo é analisar criticamente as políticas de *ESG* da Petrobrás, Itaú, Vale, WEG e Ambev, verificando sua autenticidade e impacto. Para isso, adota-se uma abordagem qualitativa, baseada na análise de relatórios corporativos, estudos de caso e literatura especializada. O método permite identificar práticas de *ESG* consistentes e distinguir ações potencialmente associadas ao *greenwashing*. A relevância deste estudo está ancorada na importância do *ESG* como fator determinante para decisões de mercado e no impacto significativo que empresas líderes têm no cenário econômico e social brasileiro. Com consumidores e investidores cada vez mais atentos à sustentabilidade, compreender a legitimidade dessas práticas é essencial para fomentar a transparência e fortalecer a credibilidade das organizações.

Além disso, o Brasil, com sua biodiversidade e recursos naturais únicos, é um campo estratégico para essa análise. As 5 principais empresas listadas na bolsa representam setores diversos e de grande relevância, tornando-as referências ideais para avaliar a interseção entre sustentabilidade e desempenho econômico. Este estudo visa, portanto, contribuir para o debate sobre o papel das grandes corporações na promoção de um desenvolvimento mais sustentável, ao mesmo tempo em que alerta para os riscos de práticas que possam minar esse propósito. A análise crítica busca oferecer subsídios para consumidores, investidores e formuladores de políticas públicas tomarem decisões mais informadas, alinhadas a um futuro sustentável e se realmente essas percepções estão impactando no valor dessas empresas na bolsa de valores brasileira.

Sendo assim, este trabalho está dividido em sete capítulos. Após apresentados os objetivos, o terceiro capítulo aborda a revisão da literatura, na qual são discutidos os conceitos de Responsabilidade Social Corporativa (RSC), *ESG* e *greenwashing*, além de suas inter-relações e evolução histórica. No quarto capítulo, será

apresentada a metodologia adotada para a análise, detalhando o processo de seleção das empresas, os critérios utilizados para avaliação das práticas e a forma como os dados foram coletados e analisados. O quinto capítulo traz na primeira sessão os resultados da pesquisa, com a apresentação das iniciativas *ESG* das cinco principais empresas brasileiras listadas na bolsa de valores em 2024, avaliando sua autenticidade e impacto, e na sessão seguinte serão discutidas as implicações dessas práticas no mercado e na imagem pública dessas empresas, destacando a relação entre suas estratégias de *ESG*, o valor de mercado e o ISE B3. Por fim, a conclusão no capítulo sexto e as referências em sequência.

Deste moto, os objetivos específicos deste trabalho são: (i) explorar os conceitos de Responsabilidade Social Corporativa (RSC), *ESG* e *greenwashing*, analisando suas inter-relações e evolução histórica; (ii) identificar e avaliar as principais iniciativas *ESG* declaradas pelas cinco empresas brasileiras analisadas, compreendendo suas estratégias e compromissos; (iii) verificar a coerência entre as práticas divulgadas e seus impactos socioambientais e econômicos mensuráveis, avaliando a autenticidade dessas ações; e (iv) investigar de que forma o alinhamento, ou a falta dele, às diretrizes *ESG* influencia a imagem pública, a lucratividade e o posicionamento estratégico dessas empresas no mercado.

2. REVISÃO DA LITERATURA

A responsabilidade socioambiental das empresas é um tema que vem sendo discutido a mais de uma década, com uma consolidação da posição dos consumidores que as organizações devem ser responsáveis pela transformação social e ambiental, além de buscar a lucratividade. Mas, não existe um consenso entre os autores acerca da responsabilidade social e sua atuação, havendo também um conflito de interesses e de posições na sociedade.

Alguns teóricos possuem uma posição mais “conservadora” sobre o papel das instituições sobre esse tema, como para Friedman (*apud* Ashley et al., 2003), a empresa é responsável por atender as expectativas dos seus acionistas visando maximizar o lucro. Outro define que o crescente aumento da complexidade dos negócios, o avanço de novas tecnologias, o incremento da produtividade levou a um aumento significativo da competitividade entre as empresas e, desta forma, elas

tendem a investir mais em processos de gestão de forma a obter diferenciais competitivos (ASHLEY et al., 2007). Ambos, possuem uma posição que prioriza o desempenho e a lucratividade da empresa, sem trazer as questões socioambientais como prioridade e contribuição com a sociedade. Já outros estudiosos têm posição divergentes. Segundo Davis (1973), é a consideração e resposta da empresa para questões que ultrapassam exigências econômicas, técnicas e legais de realização de benefício social juntamente com os ganhos tradicionais econômicos que a empresa busca. Mais recentemente, observa-se uma transformação no próprio conceito: de uma concepção antes baseada na caridade e no altruísmo, para uma associação entre responsabilidade social e estratégia empresarial (SMITH, 1994).

Com o tempo, os critérios de sustentabilidade dentro de uma empresa foram se atualizando até dar lugar ao ambiental, social e governança (ESG), que abrange ações voltadas à preservação/regeneração do meio ambiente, diminuição da desigualdade social e melhor administração das empresas combatendo a corrupção. Essas ações deverão ocorrer de forma estratégica, buscando o desenvolvimento econômico sustentável, atingindo o consumidor que procura por produtos e serviços que reduzam o impacto no meio ambiente ou até mesmo promovam melhorias nas comunidades.

A *Capgemini Research Institute* entrevistou 7.500 consumidores em todo o mundo, no ano de 2020, para entender suas preferências, comportamentos e expectativas sobre sustentabilidade. O Instituto também entrevistou 750 executivos seniores em vários subsetores para obter mais informações sobre maturidade, prioridades e perspectivas de sustentabilidade, e concluiu que a sustentabilidade aumentou a agenda do cliente: com 79% dos consumidores mudando suas preferências de compra com base na responsabilidade social, inclusão ou impacto ambiental (*Capgemini Research Institute*, 2020). Além disso, a Covid-19 aumentou a consciência do consumidor e o compromisso de comprar de maneira sustentável: sendo que 67% dos consumidores disseram que serão mais cautelosos com a escassez de recursos naturais devido à crise da pandemia e 65% disseram que serão mais cuidadosos sobre o impacto de seu consumo geral no “novo normal”, segundo o relatório (*Capgemini Research Institute*, 2020).

As práticas de *ESG* podem ser vistas como uma estratégia de marketing visando o diferencial competitivo por meio de imagem, relação com a satisfação do consumidor, associação com causas socioambientais, conscientização sustentável, ou até mesmo um modismo. Mas, pode-se concordar que o mercado está cada vez mais exigente, e preocupado na hora de comprar com as questões de desenvolvimento da sociedade, além da qualidade e o preço do que está sendo adquirido ou contratado, mas será mesmo que as grandes empresas brasileiras estão com essa mesma concepção?

Adiante iremos realizar uma revisão da literatura a respeito dos temas, buscando entender o que os principais teóricos compreendem sobre os assuntos a serem discutidos neste estudo.

3.1 Responsabilidade social e a sua evolução aos demais conceitos sustentáveis

Com o intuito de se trazer um maior embasamento e entendimento para o assunto, se faz necessário uma análise histórica da temática. Ao retratar a relação entre a sociedade com os empreendimentos, é importante mencionar que essa conexão surgiu através de um contrato social que muda de acordo com as mudanças sociais e as expectativas da sociedade.

O termo responsabilidade social começou a ser trabalhado na década de 1950, antes disso, o contrato social entre as empresas e o consumidor se baseava apenas na garantia de entrega do produto desejado e da lucratividade da empresa, quando o psiquiatra Bowen começou a perguntar de quais são os papéis que as empresas deveriam desempenhar a fim de garantir um impacto social positivo (ASHLEY et al., 2007). Já na década de 70, esse debate começou a se alastrar se perguntando qual é o papel das empresas diante de problemas como o da pobreza, distribuição de renda, poluição, desenvolvimento, dentre outros. Sendo publicado em 1971 um relatório, *Social Responsibilities of Business Corporation Report*, formulado pelo *Committee for Economic Development*, uma chamada das empresas para ações que visem além do lucro, atendendo melhor às expectativas da sociedade almejando melhorar a qualidade de vida dela (ASHLEY et al., 2007).

Foi daí que em 1979, o autor Carror sugeriu um modelo conceitual de responsabilidade social empresarial que visava empregar uma variedade de

responsabilidades empresariais frente à sociedade. Sendo subdividido em quatro tipos, responsabilidade econômica, responsabilidade legal, responsabilidade ética e responsabilidade social. A responsabilidade econômica visa o que já se buscava até mesmo antes da discussão da temática que é a obtenção de lucros; A responsabilidade legal diz respeito ao cumprimento das normas e leis, como as de caráter ambiental, por exemplo; Já a responsabilidade ética é a expectativa da sociedade para com o comportamento ético das empresas. E por último a responsabilidade discricionária/social, nesse tópico não existe uma expectativa da sociedade de obrigatoriedade, apenas um papel voluntário de impacto social positivo que vêm se tornando algo cada vez mais estratégico para as empresas (ASHLEY et al., 2007).

Já nos anos de 1999, o conceito de responsabilidade corporativa permeou por todos os tipos de responsabilidades já evidenciadas, destacado no Conselho Empresarial Mundial para o Desenvolvimento da seguinte forma: “responsabilidade social corporativa é o comprometimento permanente dos empresários de adotar um comportamento ético e contribuir para o desenvolvimento econômico, melhorando simultaneamente a qualidade de vida de seus empregados e de suas famílias, da comunidade local e da sociedade como um todo” (ASHLEY et al., 2007).

Para os dias atuais, a responsabilidade social corporativa (RSC) ou responsabilidade social empresarial (RSE) acabaram se atualizando como base teórica para o termo *ESG* em 2005, quando foi publicado um relatório produzido pela ONU chamado “*Who cares wins*”.

Nessa documentação, aborda justamente as três siglas do termo, questões de meio ambiente, social e governança (*environmental, social and governance*), sendo essas pautas de caráter de grande importância, que visam satisfazer as necessidades da sociedade atual, atuando em causas que os governos por si só não conseguem resolver, promovendo ações nas empresas como créditos de carbono, medidas de caráter trabalhista e de combate a corrupção, projetos de impacto social dentre outras. Essas medidas acabam por atrair investimentos de diversos setores da sociedade (IRIGARAY e STOCKER, 2022).

A seguir iremos apresentar o conceito mais recente, que é o *ESG*, para muitos até um aperfeiçoamento da Responsabilidade Social Corporativa.

3.2 Ambiental, Social e Governança

ESG pode ser caracterizado como fatores ambientais, sociais e de governança usados para medir o desempenho sustentável das empresas (TRIPATHI; BHANDARI, 2014; WATSON, 2015). Possuindo algumas vertentes essenciais como a ambiental, social e governança, essa definição pode ser considerada nova e originária de outras classificações de responsabilidades com as temáticas citadas por empresas e organizações.

Esse conjunto de políticas relacionadas ao desenvolvimento sustentável integram a cultura organizacional, na busca de promover a sustentabilidade de várias formas, associando a lucratividade com as 3 vertentes citadas. Os índices *ESG* refletem as iniciativas das empresas que geram impacto para remediar os danos ao meio ambiente, injustiças sociais e melhorar as suas práticas de governança, seja a empresa pertencente ao setor público ou privado (WALTER, 2020).

Como promessa para o futuro dos negócios, a lógica *ESG* serve tanto a estratégias de gestão, quanto de investimento, pautando-se em um conjunto de práticas corporativas atentas às necessidades, riscos e oportunidades relacionados aos escopos ambiental, social e de governança, a fim de gerar valor compartilhado para além do financeiro. Um programa de *ESG* é essencial para instituições que desejem estar na vanguarda, pois defende o denominado *sustainable wealth* (em português, riqueza sustentável) (FEROLA e PAGLIA, 2021).

Conforme dados do Social Investment Forum's (2006), os investimentos em empresas com responsabilidade social cresceram 258% desde 1995, variação maior do que a dos ativos administrados nos Estados Unidos. Os dados de 2006 da *Mercer Investment Consulting* reportam que de todos os investimentos do Reino Unido cerca de 47% são investimentos comprometidos com o *Environmental, Social and Governance (ESG) Analysis* (GOMES; TORTATO, 2011).

Por fim, a prática *ESG* tem por objetivo aumentar a precisão do que é mensurável e acionável em cada uma das três dimensões vertentes (sustentabilidade

ambiental, social e governança corporativa), para verificar os desvios que são toleráveis e sustentáveis (WALTER, 2020). E no subcapítulo seguinte abordaremos o conceito de *greenwashing* e o que a literatura fala sobre o tema, suas reflexões e a aplicação prática.

3.3 Greenwashing

Para entendermos bem sobre o assunto é necessário buscar a origem do termo estudado, onde *green* (verde) + *washing* (lavando), traduzindo significa: lavagem verde. Para muitos críticos a tradução literal se dá por “maquiagem verde”, no sentido de esconder a realidade, enganar, não mostrar a realidade. Assim, apresentamos diversas definições sobre o *greenwashing*:

Quadro 1 - Definições de *greenwashing* por diversos especialistas

Referência	Definição
Marciniak (2009, p. 53)	“Um instrumento de marketing usado principalmente por grandes corporações para dar a impressão de que estão preocupadas com questões ecológicas”.
Furlow (2010, p. 22)	“Disseminação de informações falsas ou incompletas por uma organização para apresentar uma imagem pública de responsabilidade ambiental”.
Delmas e Burbano (2011, p. 65)	“O ato de enganar os consumidores sobre as práticas ambientais de uma empresa (<i>greenwashing</i> a nível de empresa) ou sobre os benefícios ambientais de um produto ou serviço (<i>greenwashing</i> a nível de produto)”.
Lyon e Maxwell (2011, p. 9)	“Divulgação seletiva de informações positivas sobre o desempenho ambiental ou social de uma empresa, sem divulgação completa de informações negativas nessas dimensões”.
Walker e Wan (2012, p. 231)	“Uma estratégia que as empresas adotam para se envolver em comunicações simbólicas sobre questões ambientais sem realmente abordá-las em ações substantivas”.
Seele e Gatti (2017)	“Uma co-criação de uma acusação externa em relação a uma organização no que diz respeito à apresentação de uma mensagem verde enganosa”.
Yu et al.(2020, p. 3)	“Uma divulgação enganosa em todas as três dimensões do <i>ESG</i> ”.
Nemes et al. (2022, p. 6)	“Um termo genérico para uma variedade de comunicações e práticas enganosas que, intencionalmente ou não, induzem percepções positivas falsas do desempenho ambiental de uma organização”.

Fonte: Elaborado pelo autor

Além disso, o termo está diretamente associado às ações de marketing feitas por governos, empresas ou organizações corporativas para enfatizar suas atividades

com boas práticas ambientais, minimizando os impactos ambientais negativos da linha de produção ou valorizando indevidamente o produto ou mercadoria. Cria-se um modelo falso, que deturpa a realidade, promove o exagero, tudo para angariar benefícios ambientais de um produto (SOUZA, 2017). Não se pode negar que há exemplos de empresas que demonstram uma preocupação com o meio ambiente e que verdadeiramente mudam suas técnicas de gestão e produção em busca de um uso equilibrado e racional dos recursos naturais. No entanto, existe uma parte do mercado na qual a sustentabilidade ambiental tem significado meramente simbólico, não refletindo ações que de alguma forma estejam de fato melhor preservando a natureza (LOVATO, 2013).

Para Siano et al.(2017), o *greenwashing* tem sido associado exclusivamente com ações simbólicas, que tendem a desviar a atenção para questões menores fazendo com que as ações maiores em que há a falta de sustentabilidade sejam “mascaradas”. O termo *greenwashing* também pode ser definido como a intersecção de dois fortes comportamentos: o mau desempenho ambiental e comunicação positiva sobre tal desempenho ambiental (DELMAS; BURBANO, 2011 apud BRITO JUNIOR; GIACOMINI FILHO, 2014,p.96).

Segundo o Greenpeace (2008), trata-se de uma manobra que usa a preservação ambiental como forma de apelo para convencer, distrair, iludir os consumidores sobre as práticas ambientais das empresas e os benefícios de um produto ou serviço, por meio de rotulagem do produto, na embalagem, em campanhas publicitárias (visual e escrita), em manuais técnicos na descrição do produto/serviço e/ou no processo produtivo, bem como outros meios para vender uma falsa ideia ou atributo. Dessa forma, o *greenwashing* está positivamente relacionado à confusão do consumidor a respeito dos argumentos usados pelas marcas(MOURA; POMPEO, 2015).

Porém, é necessário avaliar a percepção do consumidor sobre a sustentabilidade e a sua relação de consumo, pois, o que aparenta é uma preocupação superficial e rasa, ainda de pouca relevância na mudança dos hábitos dos agentes econômicos. No que trata do mercado, pode se dizer que uma empresa sustentável é aquela que busca acrescentar nas suas práticas empresariais os conceitos definidos por pactos internacionais, como: DECLARAÇÃO UNIVERSAL

DOS DIREITOS HUMANOS, REUNIÃO DO G20, AGENDA 21, CARTA TERRA, e até mesmo os possíveis compromissos a serem assumidos pelo Brasil na COP 30 a ser realizada em 2025.

Por fim, vale destacar que esse tema vem sendo bastante estudado na literatura científica, conforme artigo de RAMALHO et al. publicado na Revista Gestão Social e Ambiental de 2024, mais de 638 estudos foram realizados de 2004 a maio de 2023, sendo 83% nos últimos três anos. E a co-autoria se deu mais nos Estados Unidos da América e na China, seguido por Inglaterra, Canadá, Austrália e Espanha.

3.4 Bolsa de valores e a sustentabilidade

A Bolsa de Valores desempenha um papel fundamental na alocação de capital, permitindo que empresas captem recursos para expandir suas operações. Esse ambiente dinâmico poderá atrelar a valorização das empresas à sua capacidade de incorporar práticas sustentáveis. O crescimento da discussão sobre sustentabilidade no mercado financeiro reflete uma mudança na percepção dos investidores, que buscam não apenas retornos financeiros, mas também comprometimento com questões ambientais, sociais e de governança. O Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE B3) surgiu como um termômetro dessa tendência, classificando empresas que adotam políticas alinhadas à sustentabilidade e influenciando sua atratividade no mercado financeiro. A relação entre sustentabilidade e Bolsa de Valores ainda enfrenta desafios significativos. Enquanto algumas empresas integram o *ESG* de forma estratégica, outras utilizam o conceito apenas como ferramenta de *marketing*, sem mudanças estruturais em suas operações, assim temos o fenômeno do *greenwashing*. Necessitando um reforço na necessidade de critérios mais rigorosos para garantir que a valorização das empresas na Bolsa reflita práticas sustentáveis autênticas.

Nesse contexto, a sustentabilidade não deve ser apenas um diferencial, mas um fator determinante para a perenidade das empresas no mercado financeiro. O crescimento de fundos sustentáveis e a preferência de investidores por ativos com impacto positivo reforçam a necessidade de uma integração genuína do *ESG*. A valorização no mercado de capitais dependerá, cada vez mais, da transparência, do comprometimento real com a sustentabilidade e da capacidade das empresas de

demonstrar que seu crescimento econômico está alinhado com a responsabilidade ambiental e social.

3. METODOLOGIA

Para alcançar os objetivos definidos, utilizou-se da metodologia qualitativa e descritiva, com foco na análise documental e comparativa. Primeiramente, foi selecionada as cinco principais empresas brasileiras listadas na B3 em 2024, utilizando como critério a capitalização de mercado, garantindo diversidade setorial e disponibilidade de dados públicos relacionados a *ESG*.

Na coleta de dados foi utilizado relatórios de sustentabilidade, demonstrações financeiras, formulários de referência e comunicações públicas divulgadas pelas empresas, ações e campanhas, relatórios para os investidores e notícias das mais diversas veiculadas por veículos de grande circulação. Além disso, analisou relatórios de organizações do terceiro setor, análises de mercado. A análise deve ser estruturada em quatro etapas principais: (1) categorização das práticas anunciadas pelas empresas com base nos pilares do *ESG*; (2) Posição das empresas no índice ISE B3; (3) mensuração dos efeitos sociais, ambientais e econômicos utilizando *benchmarks*² de mercado; e (4) elaboração de estudos de caso individuais para cada empresa, detalhando suas iniciativas, autenticidade e impacto no desempenho financeiro e na imagem pública.

Por fim, será feita uma verificação cruzada dos dados entre diferentes fontes, sendo realizada por meio da análise do Relatório Sustentabilidade/*ESG* 2024 das cinco empresas estudadas – Petrobrás, Itaú, Vale, WEG e Ambev – em conjunto com o indicador ISE B3. Essa abordagem permitirá comparar as informações divulgadas oficialmente por cada empresa com os critérios estabelecidos pelo Índice de Sustentabilidade Empresarial da B3 (ISE B3), proporcionando uma avaliação mais abrangente sobre a autenticidade de seus compromissos com a sustentabilidade. O parâmetro adotado para determinar se as empresas estão genuinamente

² É o processo contínuo de medir produtos, serviços e práticas de uma organização contra os concorrentes ou as melhores empresas do setor, com o objetivo de identificar as melhores práticas e implementar melhorias.

preocupadas com a sustentabilidade será a consistência entre as informações apresentadas em seus relatórios e os dados do ISE B3. Caso haja alinhamento entre o que é divulgado e os critérios do índice, isso pode indicar um compromisso real com práticas sustentáveis. No entanto, divergências ou inconsistências podem sugerir a adoção de estratégias de *greenwashing*, nas quais a empresa transmite uma imagem de responsabilidade ambiental sem, de fato, implementar ações concretas e eficazes.

Mas, é importante reconhecer as limitações do estudo, como a indisponibilidade de informações completas por parte das empresas e a dificuldade de comprovar *greenwashing* diretamente. Antes de nos aprofundarmos em cada empresa, é necessário definir dois conceitos: valor de mercado e o índice ISE.

O valor de mercado é um indicador que reflete quanto uma empresa vale aos olhos do mercado, sendo calculado com base no preço pelo qual suas ações são negociadas. Quanto maior esse valor, mais sólida e confiável a empresa é percebida, indicando maior atratividade para investidores. Segundo a B3, o objetivo do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE B3) é ser o indicador do desempenho médio das cotações dos ativos de empresas selecionadas pelo seu reconhecido comprometimento com a sustentabilidade empresarial (B3, 2024). Apoiando os investidores na tomada de decisão de investimento e induzindo as empresas a adotarem as melhores práticas de sustentabilidade, uma vez que as práticas *ESG* contribuem para a perenidade dos negócios.

Tabela 2 – Questionário de composição do ISE B3

QUESTIONÁRIO ISE B3 DISTRIBUIÇÃO DOS TEMAS POR DIMENSÃO		
DIMENSÕES	TEMAS	APLICAÇÃO
Capital Humano		
	1 Práticas trabalhistas	Geral
	2 Saúde e segurança do trabalhador	Geral
	3 Engajamento, diversidade e inclusão dos funcionários	Geral
Governança Corporativa e Alta Gestão		
	1 Fundamentos de gestão da sustentabilidade empresarial	Geral
	2 Gestão de riscos	Geral
	3 Práticas de governança corporativa	Geral
	4 Ética nos negócios	Geral
	5 Manutenção do ambiente competitivo	Geral
	6 Gestão dos ambientes legal e regulatório	Geral
Modelo de Negócio e Inovação		
	1 Sustentabilidade do modelo de negócio	Geral
	2 Design de produto e gestão do ciclo de vida	Específico
	3 Eficiência no suprimento e uso de materiais	Específico
	4 Gestão da cadeia de fornecimento	Específico
	5 Finanças sustentáveis	Específico
Capital Social		
	1 Direitos humanos e relações com a comunidade	Geral
	2 Investimento social privado e cidadania corporativa	Geral
	3 Acessibilidade técnica e econômica	Específico
	4 Qualidade e segurança do produto	Específico
	5 Práticas de venda e rotulagem de produtos	Específico
	6 Bem-estar do cliente	Específico
	7 Privacidade do cliente	Específico
	8 Segurança de dados	Geral
Meio Ambiente		
	1 Políticas e práticas de gestão ambiental	Geral
	2 Impactos ecológicos	Específico
	3 Gerenciamento de energia	Específico
	4 Gestão de água e efluentes líquidos	Específico
	5 Gestão de resíduos e materiais perigosos	Específico
Mudança no Clima (não há perguntas no questionário)		
	1 Dimensão avaliada por meio do Score CDP-Climate Change	Geral

Fonte: ISE B3, 2024

O Questionário ISE B3 é um instrumento de avaliação da sustentabilidade empresarial, utilizado pela bolsa de valores brasileira para compor o Índice de

Sustentabilidade Empresarial (ISE). O questionário abrange diversas dimensões da sustentabilidade, com o objetivo de avaliar o desempenho das empresas em aspectos ambientais, sociais, de governança e econômicos. A composição do índice abrange o Capital humano: Avalia as práticas relacionadas aos colaboradores, como práticas trabalhistas, saúde e segurança, engajamento, diversidade e inclusão; Governança corporativa e alta gestão: Analisa a estrutura de governança, gestão de riscos, ética nos negócios, transparência e conformidade legal; Modelo de negócio e inovação: Verifica a integração da sustentabilidade no modelo de negócio, design de produtos, gestão do ciclo de vida, eficiência no uso de recursos e finanças sustentáveis; Capital social: Avalia o relacionamento com a comunidade, respeito aos direitos humanos, investimento social e acessibilidade dos produtos e serviços.

Cliente: Analisa a qualidade e segurança dos produtos, práticas de venda, bem-estar, privacidade e segurança de dados dos clientes; Meio ambiente: Verifica as políticas e práticas de gestão ambiental, impactos ecológicos, gestão de energia, água, efluentes e resíduos; Mudança do clima: Avalia as ações da empresa para mitigar e adaptar-se às mudanças climáticas, utilizando o *Score CDP-Climate Change*.

Possuindo três tipos de aplicações, sendo a geral com temas relevantes para todas as empresas, independentemente do setor. E a específica abordando temas mais relevantes para determinados setores, considerando suas particularidades e impactos. Em resumo, o Questionário ISE B3 é uma ferramenta abrangente que busca promover a sustentabilidade empresarial, incentivando as empresas a adotarem práticas responsáveis e transparentes em suas operações.

A seguir iremos apresentar os resultados com base na análise feita das 5 maiores empresas brasileiras listadas na B3 em 2024.

4. RESULTADOS

Antes de apresentar os resultados, é necessário analisar em dezembro de 2024, no fechamento do ano, quais foram as 5 maiores empresas na Bolsa de Valores Brasileira (B3), são essas:

Tabela 1 - As 5 maiores empresas listadas na bolsa de valores brasileira em 2024

EMPRESA	VALOR DE MERCADO	ÍNDICE ISE B3	SETOR
Petrobrás (PETR4)	R\$ 503,39 Bilhões	Não participa/excluído	Petróleo, Gás e Biocombustíveis
Itaú (ITUB4)	R\$ 288,02 Bilhões	Score 80.93 (posição 30)	Financeiro
VALE (VALE3)	R\$ 244,79 Bilhões	Não participa/excluído	Materiais Básicos
WEG (WEGE3)	R\$ 239,46 Bilhões	Score 76.41 (posição 45)	Bens Industriais
AMBEV (ABEV3)	R\$ 201,70 Bilhões	Score 71.15 (posição 58)	Consumo não cíclico (bebidas)

Fonte: Elaborado pelo autor em 19 de dezembro de 2024 com base no Investidor 10/B3

A tabela apresenta um panorama das companhias de maior valor de mercado no Brasil no ano analisado. A classificação considera não apenas o tamanho das empresas em termos financeiros, mas também sua posição no Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE B3) e seu respectivo setor de atuação. A Petrobras é a maior empresa de capital aberto do Brasil e uma das maiores empresas de energia do mundo. Atua na exploração, produção, refino, distribuição e comercialização de petróleo, gás natural e outros derivados. A empresa desempenha um papel crucial no abastecimento do mercado interno e na exportação de petróleo e derivados, liderando o ranking, com um valor de mercado de R\$ 503,39 bilhões, mas não faz parte do ISE B3, evidenciando desafios em sua adequação às diretrizes ESG, principalmente em relação à transição energética e impactos ambientais. O Itaú, segunda maior empresa, é o maior banco da América Latina e uma das maiores instituições financeiras do Brasil, possui R\$ 288,02 bilhões de valor de mercado e apresenta um score de 80,93 no ISE B3, ocupando a 30ª posição, o que demonstra um comprometimento relativamente alto com a sustentabilidade dentro do setor financeiro.

Já a Vale, é uma das maiores empresas de mineração do mundo e a maior produtora de minério de ferro e níquel. Sendo líder no setor de materiais básicos no Brasil e uma das maiores empresas de mineração do mundo, com operações em diversos países. Terceira colocada, também não integra o ISE B3, reflexo das tragédias ambientais associadas à mineração e de dificuldades na adoção de práticas ESG autênticas.

No setor de bens industriais a WEG lidera, é uma empresa brasileira especializada na fabricação de equipamentos elétricos, eletrônicos e eletromecânicos. A WEG e a Ambev, por sua vez, destacam-se como empresas do setor industrial e de consumo não cíclico, respectivamente. A WEG, quarta maior empresa da bolsa em 2024, possui um valor de mercado de R\$ 239,46 bilhões e um score de 76,41 no ISE B3, estando na 45ª posição do ranking de sustentabilidade, o que indica um avanço significativo, mas com desafios na inovação e no capital humano. A Ambev, com R\$ 201,70 bilhões de valor de mercado e um score de 71,15, ocupa a 58ª posição, mostrando que, apesar dos investimentos em práticas sustentáveis, ainda há espaço para melhorias em impacto social e governança.

A análise evidencia que, embora o mercado financeiro esteja cada vez mais atento ao ESG, as empresas de maior valor na Bolsa ainda enfrentam dificuldades para conciliar crescimento econômico e sustentabilidade. Enquanto algumas avançam em práticas responsáveis, outras, mesmo sendo líderes em seus setores, continuam fora dos índices de sustentabilidade, o que pode representar riscos para sua reputação e atratividade para investidores no longo prazo.

Abaixo, analisaremos resumidamente o comportamento dessas 5 maiores empresas em relação ao *ESG* e em seguida a conclusão detalhada sobre cada uma delas.

Quadro 2 - Resumo das principais conclusões das empresas com base no índice ISE B3

EMPRESA	PRINCIPAIS INICIATIVAS DE ESG	DESEMPENHO AMBIENTAL	DESEMPENHO SOCIAL	DESEMPENHO DE GOVERNANÇA	CONCLUSÃO
Petrobrás	<ul style="list-style-type: none"> - Projetos sociais e ambientais (R\$ 121 mi) - Programa de Fomento à Cadeia de Fornecedores - Programa Petrobras Contra Violência Sexual -Compromisso com igualdade racial 	<ul style="list-style-type: none"> - Redução de pegada de carbono - Gestão de biodiversidade e resíduos - Adaptação a legislações ambientais 	<ul style="list-style-type: none"> - Diversidade e igualdade de oportunidades - Fomento a fornecedores - Cuidados com saúde e bem-estar 	<ul style="list-style-type: none"> - Gestão de riscos empresariais - Matriz de riscos ESG - Excluída do ISE B3 em 2022 por falta de aderência 	Apesar de ações relevantes, enfrenta críticas em termos de transição energética e valorização dos trabalhadores. Vale destacar que a empresa foi excluída do ISE B3.
Itaú	<ul style="list-style-type: none"> -Compromissos de Impacto Positivo -R\$ 400 bi para economia sustentável -Sistema de locação de bicicletas -Educação financeira e investimentos responsáveis 	<ul style="list-style-type: none"> - Critérios ESG em investimentos - Avaliação contínua de impactos ambientais e sociais 	<ul style="list-style-type: none"> - Diversidade e inclusão - Programas de responsabilidade social - Conscientização financeira 	<ul style="list-style-type: none"> - Governança corporativa sólida (90,86%) - Comitê de Investimentos Responsáveis - Análise ESG de ativos 	Forte em governança, mas precisa de mais foco em ações ambientais e na transição para um futuro mais sustentável.
Vale	<ul style="list-style-type: none"> - GISTM para segurança de barragens - Compromisso com a pobreza - Diversidade no quadro de liderança (24,38% mulheres, 34,92% negras) -Descarbonização 	<ul style="list-style-type: none"> - Redução das emissões de GEE - Classificação A- no CDP de mudanças climáticas 	<ul style="list-style-type: none"> - Inclusão de pessoas com deficiência - Programa QPcD - Capacitação em diversidade e inclusão 	<ul style="list-style-type: none"> - Governança sólida, mas com espaço para melhoria -Investimentos em inovação e tecnologia 	Compromisso forte com inovação e sustentabilidade, mas precisa melhorar a gestão de capital humano e inovação disruptiva.

Continua...

EMPRESA	PRINCIPAIS INICIATIVAS DE ESG	DESEMPENHO AMBIENTAL	DESEMPENHO SOCIAL	DESEMPENHO DE GOVERNANÇA	CONCLUSÃO
WEG	<ul style="list-style-type: none"> - R\$ 832 mi em P&D - Neutralidade de carbono até 2050 - Programa de Fornecedores Sustentáveis - Diversidade e inclusão com foco em PCDs e líderes treinados 	<ul style="list-style-type: none"> - Redução de GEE em 25% até 2023 - Foco em energias renováveis e transição energética 	<ul style="list-style-type: none"> - Inclusão de pessoas com deficiência - Programa QPcD - Capacitação em diversidade e inclusão 	<ul style="list-style-type: none"> - Governança sólida, mas com espaço para melhoria - Investimentos em inovação e tecnologia 	Compromisso forte com inovação e sustentabilidade, mas precisa melhorar a gestão de capital humano e inovação disruptiva.
Ambev	<ul style="list-style-type: none"> - Projeto "Bora" (inclusão produtiva) - Investimentos em energias renováveis (parque eólico, usinas solares) - Frota de caminhões elétricos - Metas de neutralidade de carbono 	<ul style="list-style-type: none"> - Neutralidade de carbono até 2040 - Investimentos em energias renováveis e embalagem circular 	<ul style="list-style-type: none"> - Diversidade e inclusão - Programas de equidade de gênero e empoderamento de grupos sub-representados 	<ul style="list-style-type: none"> - Governança sólida, com transparência e ética - Alta liderança engajada com as metas ESG 	Liderança em inovação e sustentabilidade, mas precisa de um maior impacto nas áreas sociais e de inclusão.

Fonte: Elaborado pelo autor

A seguir apresentaremos a descrição detalhada de cada empresa, e seus comportamentos diante dos temas abordados neste estudo.

5.1. PETROBRÁS

A Petrobras tem entre suas premissas comunicar com clareza, objetividade e transparência as informações relativas à contribuição da empresa em projetos de sustentabilidade.

Em 2018, a Petrobras aderiu à Iniciativa Empresarial pela Igualdade, proposta pela ONG Afrobras e pela Faculdade Zumbi dos Palmares, cujos dez compromissos têm como objetivo o respeito e a promoção da igualdade racial, da igualdade de oportunidades e do tratamento justo a todas as pessoas (PETROBRAS, 2024). Em 2021, a Petrobras constituiu a Comissão de Direitos Humanos, que é responsável por gerir, de forma integrada, ampla e transversal no negócio, a implementação da agenda de direitos humanos estabelecida pelas Diretrizes de Direitos Humanos da Petrobras. O cuidado com as pessoas é uma prioridade, promovendo a segurança, saúde e bem-estar dos colaboradores e das comunidades locais, assim como práticas trabalhistas justas e igualdade de oportunidades. Um exemplo específico dessas iniciativas é o Programa de Fomento à Cadeia de Fornecedores, lançado em 2020, que permite a antecipação de faturas pelos fornecedores, facilitando o acesso a crédito. Até agora, o programa já concedeu cerca de R\$ 22,3 bilhões em crédito, beneficiando 2.801 fornecedores e resultando em aproximadamente 170 mil faturas antecipadas, demonstrando o compromisso da Petrobras com a sustentabilidade e a responsabilidade social (PETROBRAS, 2024).

Em 2022, a contribuição da Petrobras à sociedade com remunerações a empregados, tributos, fornecedores, instituições financeiras e acionistas foi de R\$483 bilhões. Adicionalmente, foram empregados valores na ordem de R\$ 121 milhões em projetos sociais e ambientais voluntários, R\$ 462 milhões em programas sociais e ambientais relacionados a condicionantes de licenciamento, R\$ 32 milhões em projetos culturais e esportivos, além de doações que somam R\$ 272 milhões para auxílio a famílias em situação de vulnerabilidade social (PETROBRAS, 2024). No ano seguinte, a Petrobras publicou seu posicionamento voltado a promover a diversidade e a combater rigorosamente o assédio e a discriminação. E os primeiros passos para isso já foram dados com o estabelecimento do Programa Petrobras Contra a Violência Sexual. Além disso, a Petrobras lançou o projeto “Cooperar para Transformar” em

2021, uma ação conjunta das diretorias de Relações Institucionais e Sustentabilidade (DRIS) e de Governança e Conformidade (DGC) da petrolífera. A iniciativa segue o alinhamento da empresa com o conceito de *ESG*, previsto no Plano Estratégico 2021-2025 (PETROBRAS, 2024). Analisando o Relatório de Sustentabilidade de 2023, com base de responder os objetivos específicos do estudo, temos a seguinte análise da organização: A Petrobras categoriza o *ESG* em sua visão de negócio através de um desdobramento estratégico que considera riscos e oportunidades identificados em curto, médio e longo prazos (PETROBRAS, 2024).

A empresa utiliza uma matriz de riscos empresariais que envolve todas as áreas da companhia, permitindo uma análise sistemática e atualizada dos impactos e das prioridades relacionadas aos temas materiais. Essa abordagem é alinhada com as diretrizes da *Global Reporting Initiative (GRI)* e do *Sustainability Accounting Standards Board (SASB)*. Os efeitos reais do *ESG* na Petrobras incluem a melhoria na gestão de riscos, a adaptação a novas legislações ambientais, e a implementação de tecnologias que reduzem a intensidade de emissões (PETROBRAS, 2024). Além disso, a empresa observa impactos positivos na saúde das pessoas e no bem-estar das comunidades locais, resultantes de suas práticas de mitigação e gestão de emissões atmosféricas. A abordagem *ESG* também influencia a percepção dos investidores e a reputação da empresa no mercado. As prioridades descritas no relatório de sustentabilidade da Petrobras incluem a redução da pegada de carbono, com foco em resiliência climática e gestão de emissões de gases de efeito estufa (GEE). A proteção do meio ambiente é igualmente significativa, com práticas voltadas para a gestão da biodiversidade, água e efluentes, além da gestão de resíduos.

Porém, ao avaliar o índice ISE B3, nota-se que a empresa foi excluída em 2022, após a composição ficar mais rigorosa e não classificá-la dentro dos parâmetros estabelecidos. A Petrobras investe menos de 1% em transição energética, um atraso de décadas que compromete sua sustentabilidade e foi um dos motivos para sua exclusão do Índice de Sustentabilidade Empresarial – ISE B3 (BACELAR, 2021).

O plano estratégico 2022-2026 ignorou temas cruciais, como a valorização dos trabalhadores. Embora o conceito de transição justa, incluído no Acordo de Paris de 2015, busque assegurar que ninguém seja deixado para trás na "revolução verde", ele não foi incorporado pela Petrobras. As revoluções verde e digital já impactam

profundamente as formas de trabalho e as carreiras profissionais, mas a falta de alinhamento da Petrobras com práticas sustentáveis reforça as lacunas em sua estratégia de descarbonização.

5.2. ITAÚ

Com o maior banco do país a inclusão da sustentabilidade na cadeia do negócio começou há mais de 20 anos. A experiência e a solidez na integração da sustentabilidade ao negócio do Itaú o tornaram reconhecido pelos principais índices e ratings de sustentabilidade do mundo (ITAÚ, 2025).

Em 2019, o Itaú criou seus Compromissos de Impacto Positivo, que direcionam seus esforços ao desenvolvimento de iniciativas em dez temáticas nas quais tem maior potencial de impacto positivo. Esses compromissos foram lançados após um período de estudo e diagnóstico dos desafios globais da agenda de sustentabilidade (ITAÚ, 2025). Nesse processo, o Itaú dialogou com colaboradores, lideranças internas, especialistas e representantes da sociedade civil para identificar os temas materiais. Todos os compromissos possuem metas que norteiam os negócios do Itaú Unibanco nos próximos anos, e todas elas são acompanhadas e executadas pela alta liderança e suas equipes.

Em 2021, o Itaú Unibanco anunciou que irá alocar R\$ 400 bilhões, até 2025, em iniciativas de negócio que promovam uma economia sustentável. Além disso, uma prática comercial, mas de grande impacto ambiental na redução de carbono na atmosfera, além de contribuir com a mobilidade urbana das grandes cidades é a “Bike Itaú”, sistema de locação de bicicleta com baixo custo até mesmo com pacote de uso mensal (ITAÚ, 2024). O Itaú Unibanco categoriza o *ESG* como um pilar fundamental de sua estratégia de negócios, integrando essas questões em todas as suas operações e decisões de investimento. A empresa adota uma abordagem estruturada para a avaliação *ESG*, que é realizada pelo Comitê de Investimento Responsável (ITAÚ, 2024). Este comitê é responsável por deliberar sobre os temas *ESG* relevantes e garantir que os investimentos estejam alinhados com práticas sustentáveis. Um exemplo concreto dessa abordagem é a utilização de um rating de governança corporativa, que avalia as práticas de governança das empresas investidas, permitindo uma análise mais aprofundada dos riscos e oportunidades associados a

cada ativo. Além disso, o Itaú Unibanco promove a educação financeira e a conscientização sobre investimentos responsáveis por meio de conteúdos disponíveis em sua plataforma de investimentos, como artigos e vídeos que abordam temas como *greenwashing* e tendências sociais e ambientais no mercado financeiro.

Os efeitos reais do *ESG* na empresa são evidentes em várias frentes. A análise contínua dos impactos sociais, ambientais e climáticos permite que o Itaú Unibanco identifique e mitigue riscos, além de promover oportunidades de negócios sustentáveis. A empresa realiza uma análise complementar dos impactos gerados por suas operações, considerando tanto os efeitos positivos quanto negativos na economia, sociedade e meio ambiente. Essa análise é fundamentada em frameworks reconhecidos, como GRI e IFRS, que ajudam a entender como fatores externos podem impactar financeiramente o negócio. Um exemplo prático é a inclusão de critérios *ESG* na seleção de ativos de renda fixa e variável, bem como na previdência privada, onde os gestores de fundos consideram riscos sociais e ambientais em suas decisões de investimento, conforme estipulado pela Circular SUSEP 666/2022.

Entre os casos de destaque e prioridades descritas no relatório, o Itaú Unibanco implementou diversas ações concretas. Em 2023, a empresa organizou eventos como o Finance Academy – *ESG* e o Itaú Conexões – *ESG*, que visam disseminar conhecimento sobre práticas de governança e investimentos sustentáveis para seus clientes de alta renda (ITAÚ, 2024). Além disso, a empresa se comprometeu a promover a diversidade e inclusão em sua força de trabalho, com iniciativas voltadas para a atração e retenção de talentos de diferentes origens. O relatório também menciona a importância da ética nos negócios e da cidadania financeira, com programas que incentivam a responsabilidade social e o engajamento com a comunidade. Essas ações refletem um compromisso abrangente com a sustentabilidade e a criação de valor para todos os stakeholders, alinhando a estratégia de negócios do Itaú Unibanco com as melhores práticas de mercado e as expectativas da sociedade.

Assim, o Itaú Unibanco alcança uma pontuação de 80,93 no Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE B3), classificando-se como "bom" e ocupando a 30ª posição entre as empresas analisadas, refletindo um desempenho sólido, mas com lacunas importantes. Destaca-se positivamente em Governança Corporativa e

Alta Gestão (90,86%), evidenciando transparência e alinhamento às melhores práticas, e em Modelo de Negócio e Inovação (85,79%), o que demonstra sua capacidade de adaptação e visão estratégica. No entanto, a dimensão ambiental, com Meio Ambiente (75,00%) e Mudança do Clima (71,40%), revela fragilidades que precisam ser enfrentadas, especialmente diante da crescente relevância da sustentabilidade em decisões empresariais. Embora tenha um bom desempenho em Capital Social (86,18%), reforçando seu impacto positivo nas comunidades, e em Capital Humano (76,19%), ainda há margem para investir mais no desenvolvimento e bem-estar de seus colaboradores.

Apesar de ser um dos líderes do setor financeiro no Brasil, o Itaú deve intensificar esforços em descarbonização e práticas sustentáveis para consolidar sua posição como referência em *ESG*, respondendo às demandas globais e fortalecendo sua competitividade a longo prazo, reforçando seu compromisso com o *ESG*.

5.3. VALE

A Vale, como muitas outras empresas, começou a adotar práticas de *ESG* em resposta a uma crescente conscientização global sobre a importância da sustentabilidade e da governança corporativa.

No entanto, um evento significativo que pode ter influenciado a Vale a intensificar suas práticas de *ESG* foi o desastre de Brumadinho em 2019. O rompimento de uma barragem de rejeitos de mineração da Vale em Brumadinho, Brasil, resultou em perdas humanas significativas e danos ambientais. Essa tragédia levou a uma situação pública intensa e a uma pressão crescente para que a Vale melhorasse suas práticas de RSC e *ESG*.

Em seu plano de sustentabilidade é tido uma abordagem ao longo prazo, algo sempre ressaltado, mas aparentemente superficial diante do impacto ambiental causado pelo *business* da empresa. A empresa divide suas iniciativas em três grandes unidades: mineração sustentável, soluções de baixo carbono e governança eficaz, refletindo seu compromisso com práticas responsáveis. Os efeitos reais do *ESG* na Vale incluem a redução das emissões de gases de efeito estufa e a promoção da diversidade, com 24,38% de mulheres e 34,92% de pessoas negras em posições de liderança em 2023 (VALE, 2024). Dentre os casos de destaque, a empresa

implementou o GISTM (*Global Industry Standard on Tailings Management*) para garantir a segurança de suas barragens, com a meta de descaracterizar todas as barragens construídas pelo método de alteamento a montante até 2035. Além disso, a Vale se comprometeu a apoiar a saída de 500 mil pessoas da extrema pobreza, tendo já registrado a inclusão de 30 mil pessoas em programas sociais (VALE, 2024). A gestão de riscos climáticos é outra prioridade, com a Vale recebendo uma classificação A- na avaliação CDP de Mudanças Climáticas, destacando seu esforço em descarbonização e uso de energias renováveis.

Desde 12 de fevereiro de 2019, a VALE S/A foi excluída do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE B3) devido ao desastre ocorrido em Brumadinho (MG) em 25 de janeiro de 2019. A decisão, tomada pelo Conselho Deliberativo do ISE (CISE), baseia-se no regulamento que determina a exclusão de ativos de empresas cujo desempenho de sustentabilidade tenha sido significativamente impactado por eventos durante a vigência da carteira. O CISE, presidido pela B3, é responsável por garantir transparência e critérios rigorosos na seleção de empresas para o índice, contando com representantes de diversas organizações institucionais.

Além do desastre de Brumadinho, a VALE tem um histórico de práticas negativas que reforçam questionamentos sobre seu compromisso com *ESG*. Entre os exemplos mais emblemáticos está o desastre de Mariana, em 2015, quando o rompimento da barragem de Fundão, operada pela Samarco (*joint venture* da VALE com a BHP Billiton), causou a morte de 19 pessoas e o maior desastre ambiental do Brasil, destruindo comunidades e contaminando o Rio Doce.

Outro exemplo é a atuação da empresa em relação aos direitos das comunidades indígenas e tradicionais, frequentemente afetadas pela expansão de suas operações minerárias, como o caso da mina Onça Puma, no Pará, que gerou graves impactos ambientais e sociais para os povos Xikrin e Kayapó. Além disso, a empresa é bastante denunciada no cuidado com o capital humano, impactando drasticamente sua reputação que já não é das melhores.

5.4. WEG

A WEG é uma empresa brasileira, fundada em 1961, que se destaca no desenvolvimento de tecnologias e soluções voltadas para a eficiência energética e a

sustentabilidade. A companhia é uma das nove empresas brasileiras que valem mais de R\$ 100 bilhões e atua em diversos segmentos, incluindo a fabricação de máquinas elétricas, acionamentos e serviços, automação, tintas, transformadores de energia, geradores e produtos e sistemas para eletrificação (WEG, 2024). Com um forte compromisso com a inovação, a WEG investiu R\$ 832 milhões em pesquisa, desenvolvimento e inovação (PD&I) em 2023, representando aproximadamente 2,6% de sua receita. A empresa também se destacou pelo seu índice de inovação, com 59,1% de sua receita proveniente de produtos lançados nos últimos cinco anos (WEG, 2024).

Em 2023, a WEG formalizou sua Política de Sustentabilidade, reafirmando seu compromisso com práticas ambientais, sociais e de governança (*ESG*). A empresa se comprometeu a reduzir suas emissões de gases de efeito estufa (GEE) em 25% até 2023, em comparação com 2021, e tem como meta atingir a neutralidade de carbono até 2050 (WEG, 2024). Além disso, a WEG implementou o Programa de Fornecedores Sustentáveis, que visa garantir que seus fornecedores sigam práticas éticas e sustentáveis. A empresa promove a diversidade e inclusão em seu ambiente de trabalho, com um aumento significativo no número de colaboradores com deficiência. Em seu relatório, a empresa busca não apenas atender às demandas do mercado, mas também liderar a transição energética e a descarbonização, alinhando-se às melhores práticas *ESG* e aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS). Nota-se o *ESG* como um pilar fundamental de sua visão de negócio, integrando práticas sustentáveis em todas as suas operações e estratégias. A empresa adota uma abordagem multifacetada, que inclui a promoção de soluções sustentáveis, a gestão responsável da cadeia de fornecimento e o compromisso com a diversidade e inclusão. A empresa também se destaca na promoção da diversidade e inclusão, com iniciativas como o programa QPcD, que visa aumentar a inclusão de pessoas com deficiência no ambiente de trabalho. Em 2023, a WEG treinou 2.138 líderes globais em diversidade e inclusão, refletindo seu compromisso em criar um ambiente de trabalho inclusivo (WEG, 2024).

Quando analisado o ISE B3, a empresa obteve uma pontuação de 76,41, posicionando-se na categoria "bom" e ocupando a 45ª posição no ranking. Embora a empresa mostre um compromisso significativo com várias práticas *ESG*, a análise

crítica de seu desempenho revela tanto pontos positivos quanto áreas preocupantes. Governança Corporativa e Alta Gestão (81,99%) reflete uma estrutura sólida e uma postura ética, o que é positivo para atrair investidores e garantir transparência. Contudo, o desempenho nessa área, embora bom, ainda não é excepcional, considerando que muitas grandes empresas do setor apresentam pontuações mais altas. Isso sugere que a WEG poderia avançar mais em termos de governança, especialmente no que diz respeito a práticas mais inovadoras de gestão de risco e transparência, mas mostra que a empresa está em um bom caminho e sua estratégia é começar a criar a cultura organizacional sobre o tema a partir do corpo executivo e estratégico. No quesito Modelo de Negócio e Inovação (77,24%) demonstra a capacidade em adaptar seus processos às novas demandas do mercado, principalmente em áreas como tecnologias sustentáveis e soluções energéticas.

Mas, a inovação não se reflete completamente em sua capacidade de transformar esse modelo de negócio em um motor de crescimento sustentável de longo prazo, precisando intensificar seus investimentos em inovação disruptiva, algo que muitas de suas concorrentes já estão fazendo. A área mais crítica é Capital Humano (56,28%), uma pontuação que expõe sérias lacunas nas práticas de gestão de pessoas. Considerando a crescente importância do capital humano para o desempenho social e econômico das empresas, a WEG ainda parece não estar dedicando atenção suficiente a áreas como diversidade, inclusão, capacitação de seus colaboradores e bem-estar no ambiente de trabalho. Nota-se que em seu relatório de sustentabilidade 2023 foi destacado uma série de programas relacionadas ao capital humano, porém, todas superficiais e de baixo impacto transformador. É crucial que a empresa reformule suas políticas de recursos humanos para promover um ambiente de trabalho mais inclusivo e focado no desenvolvimento das pessoas.

Em contrapartida, a empresa se destaca nas áreas ambientais, com Meio Ambiente (82,76%) e Mudança do Clima (85,70%) demonstrando um compromisso sólido com a sustentabilidade, principalmente na transição para fontes de energia renovável e no desenvolvimento de soluções tecnológicas que atendem às crescentes exigências ambientais. Contudo, esse desempenho precisa ser acompanhado de ações mais agressivas em relação à redução de emissões de carbono e à implementação de metas mais claras para mitigar os impactos ambientais

de suas operações, como citadas anteriormente em seus compromissos estabelecidos.

5.5. AMBEV

Em 2014, a Ambev estabeleceu Comitês Internos e Externos multidisciplinares onde discutem programas de longo prazo focados em meio ambiente, inovação, impacto social positivo, consumo responsável, ética, diversidade e inclusão aliados à sua estratégia. Em 2019, a Ambev lançou o projeto “Bora”, um programa de inclusão produtiva que atua em três frentes: conhecimento, apoio financeiro e conexão (AMBEV, 2022). O objetivo do projeto é dar novas perspectivas para 5 milhões de pessoas nos próximos dez anos. Ele impactou 201 mil pessoas em 2023, totalizando 252 mil brasileiros beneficiados desde seu lançamento (AMBEV, 2022).

Em 2020, a Ambev investiu em um parque eólico na Bahia, que viabilizou toda a produção e distribuição da Budweiser no Brasil a ser 100% baseada em energia limpa até 2022. A Ambev também está implantando 30 usinas solares em várias regiões do Brasil, com capacidade para abastecer todos os 94 centros de distribuição da Ambev em todo o país. Além disso, a empresa fez um acordo com a Volkswagen para utilização de sua frota de caminhões elétricos, que deverá ser 100% movida à energia solar dos centros de distribuição da Ambev até 2023, um terço da frota que atende as operações da cervejaria será composta por tais veículos. Em 2021, a Ambev anunciou que irá alocar R\$ 400 bilhões, até 2025, em iniciativas de negócio que promovam uma economia sustentável (AMBEV, 2022).

A Ambev categoriza o *ESG* em sua visão de negócio como um pilar fundamental para a criação de valor sustentável, agrupando suas prioridades em três grandes temas transversais: Natural, Local e Inclusivo. Essas categorias orientam as ações da companhia em áreas como gestão de recursos hídricos, agricultura sustentável, embalagem circular, ética e transparência, empreendedorismo, diversidade e inclusão, e consumo responsável. A empresa tem se comprometido a descarbonizar suas operações e a cadeia de valor, com a ambição de alcançar a neutralidade de carbono até 2040. Em 2023, a Ambev se tornou a primeira cervejaria da América Latina a ter suas metas de redução de emissões de curto prazo aprovadas pela *Science Based Targets initiative* (SBTi) (AMBEV, 2022). Além disso, a

companhia investiu em transporte elétrico e na utilização de embalagens PET recicladas, com 75,2% de alumínio, 43,6% de vidro e 40,3% de PET reciclado em suas operações. Essas iniciativas não apenas reduzem o impacto ambiental, mas também melhoram a eficiência operacional e a percepção da marca entre consumidores cada vez mais conscientes (AMBEV, 2022). A empresa também se destacou por suas iniciativas de diversidade e inclusão, realizando seu primeiro censo sobre esses temas e desenvolvendo programas como o "Dàgbá" e "SOMOS", que promovem a equidade de gênero e o empoderamento de grupos sub-representados. Recebendo diversos prêmios e reconhecimentos em 2023, como o título de empresa com a melhor percepção ESG do Brasil, segundo o Anuário Integridade ESG 2023, e o Troféu Transparência 2023, que destaca as melhores divulgações financeiras, mostra-se que a AMBEV sabe o rumo que está buscando e com certeza está tendo impactos positivos em seu *business* (AMBEV, 2023).

A Ambev obteve um score de 71,15 no Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE B3) 2024, ocupando a 58ª posição no ranking. A análise dos componentes desse score revela tanto pontos fortes quanto áreas de atenção em sua estratégia ESG. A empresa se destaca na dimensão de Mudança do Clima (85,70%), indicando um compromisso significativo com a redução de emissões e ações voltadas para a mitigação dos impactos ambientais. Além disso, sua Governança Corporativa e Alta Gestão (81,49%) apresenta um alto desempenho, refletindo boas práticas de transparência e responsabilidade na gestão. No entanto, algumas áreas sugerem fragilidades que podem comprometer a efetividade de sua atuação sustentável.

No quesito Modelo de Negócios e Inovação (57,45%), um fator crítico é a eficiência no suprimento e uso de materiais, especialmente devido à necessidade abundante de água no processo produtivo da Ambev. A fabricação de bebidas, particularmente as alcoólicas, demanda grandes volumes desse recurso, tornando a gestão hídrica um ponto sensível para a sustentabilidade da empresa. Se não for bem administrado, esse alto consumo pode gerar impactos ambientais negativos, como escassez hídrica e desequilíbrios ecológicos em regiões onde a companhia opera. Outro ponto de atenção é o Capital Social (59,76%), sendo o subitem Bem-estar do Cliente um dos principais fatores que impactam negativamente essa dimensão. O carro-chefe da empresa são as bebidas alcoólicas, cujo consumo excessivo está

associado a diversos problemas de saúde pública, como alcoolismo, doenças hepáticas e cardiovasculares, além de impactos sociais, incluindo acidentes de trânsito e violência. Embora a Ambev possua iniciativas voltadas para o consumo responsável, o desafio é equilibrar sua responsabilidade social com o próprio modelo de negócios, garantindo que suas práticas comerciais não incentivem padrões de consumo prejudiciais à sociedade. De modo geral, o score obtido demonstra que a Ambev busca consolidar sua atuação sustentável, especialmente em governança e mudanças climáticas, mas ainda há espaço para melhorias.

Por fim, destaca-se que os resultados demonstram que as cinco maiores empresas listadas na B3 em 2024 possuem diferentes níveis de comprometimento com o ESG, refletidos em sua presença ou ausência no Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE B3). Enquanto algumas, como Itaú, WEG e Ambev, apresentam pontuações relativamente boas no índice, ainda há desafios na implementação de práticas mais sólidas, especialmente nas dimensões ambiental e social. Por outro lado, empresas como Petrobras e Vale, apesar de seu grande valor de mercado, permanecem fora do índice devido a impactos negativos significativos, evidenciando fragilidades em suas estratégias de sustentabilidade. A presença no ISE B3 pode ser um diferencial competitivo, mas apenas quando acompanhada de ações concretas que vão além do discurso.

5. CONCLUSÃO

As cinco maiores empresas brasileiras listadas na Bolsa de Valores em 2024, que incluem Petrobras, Itaú Unibanco, Vale, WEG e AMBEV, apresentam um panorama complexo quando analisadas sob a ótica dos compromissos com a sustentabilidade versus estratégias de *greenwashing*. Ao longo dos últimos anos, houve avanços significativos nessas empresas, mas também desafios e críticas a respeito da autenticidade de suas ações.

A Petrobras e Vale, por exemplo, não fazem parte do Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE B3) da B3, sendo excluídas devido a questões relacionadas a impactos socioambientais significativos, como os desastres de Brumadinho e Mariana, no caso da Vale, e a gestão ambiental polêmica da Petrobrás. A exclusão dessas gigantes reflete a fragilidade de suas práticas de sustentabilidade,

destacando um comportamento mais focado em justificar a continuidade de operações altamente impactantes ao meio ambiente e à sociedade, em vez de adotar práticas genuínas de descarbonização e responsabilidade socioambiental, porém, existe ainda uma desconexão dos investidores com a sustentabilidade como algo estratégico, não impactando a atração de investimentos.

A falta de ações efetivas para a transição energética e para a implementação de uma transição justa em suas operações demonstra que essas empresas podem ser mais inclinadas a estratégias de *greenwashing*, utilizando rótulos sustentáveis sem grandes mudanças reais em suas operações e modelos de negócios, e muitas vezes suas ações são reparadoras. O Itaú Unibanco e WEG, por outro lado, apresentam desempenho relativamente bom no Índice de Sustentabilidade Empresarial (ISE B3), embora ainda distantes de uma liderança completa em *ESG*. O Itaú, por exemplo, ocupa uma posição respeitável no índice, mas seu comprometimento com a sustentabilidade é questionado devido a uma falta de ambição em termos de mudanças mais profundas e rápidas no seu portfólio de investimentos, principalmente em relação ao financiamento de indústrias com altos impactos ambientais.

A WEG, com um desempenho também considerado bom, possui uma pontuação sólida em governança e mudanças climáticas, mas falha na inovação e no modelo de negócios, áreas essenciais para garantir que suas ações não sejam apenas simbólicas, mas parte de um compromisso de longo prazo com a sustentabilidade. Porém, WEG e AMBEV apresentam mais características de práticas relacionadas ao *ESG*, necessitando de alguns avanços como já destacamos. A análise dessas grandes empresas brasileiras, portanto, revela uma complexa mistura de compromissos autênticos e estratégias de *greenwashing*. Enquanto algumas companhias estão avançando com iniciativas mais robustas, especialmente em termos de mudança climática e governança, outras continuam com práticas superficiais e falta de verdadeira transformação.

A credibilidade dessas empresas em suas ações sustentáveis será testada à medida que a pressão por uma economia mais verde e justa aumenta, e as exigências por transparência e ações reais de impacto ambiental e social se tornam mais intensas, mas até o momento o impacto ainda é pouco expressivo diante da

necessidade. Deste modo, as cinco maiores empresas listadas na B3 de acordo com seu valor de mercado em 2024, apesar de apresentarem algumas iniciativas de *ESG*, ainda têm um longo caminho a percorrer para se comprometerem de forma autêntica e eficaz com a sustentabilidade. O risco de *greenwashing* é evidente, especialmente em setores mais tradicionais como energia e mineração, onde os impactos ambientais são mais difíceis de mitigar. As empresas precisam demonstrar não apenas compromissos e relatórios, mas ações concretas, transparência e uma real transformação em suas práticas empresariais para que se tornem líderes genuínos em sustentabilidade.

Uma sugestão para trabalhos futuros seria realizar uma análise sobre a correlação entre a performance em práticas *ESG* e o desempenho financeiro das empresas brasileiras. Esse estudo poderia investigar se as empresas que implementam ações sustentáveis de forma genuína têm uma performance financeira superior no longo prazo, especialmente em termos de rentabilidade, valorização no mercado e acesso a investimentos.

6. REFERÊNCIAS

AMBEV. **Relatório Anual e de ESG 2023 – ano base 2022**. AMBEV, 2022. Disponível em: <<https://ri.ambev.com.br/relatorios-publicacoes/relatorios-anuais-e-sustentabilidade>>. Acesso em 15 de novembro de 2024.

ASHLEY, P., QUEIROZ, A., CARDOSO, A., SOUZA, A., TEODÓSIO, A., & BERTONCELLO, Silvio L. T., CHANG, João J. **A importância da Responsabilidade Social Corporativa como um fator de diferenciação**. FACOM - nº 17 - 1º semestre de 2007.

BACELAR, D. **Na contramão do mundo, Petrobras fica cada vez mais suja ambientalmente**. UOL, 2021. Disponível em: <<https://economia.uol.com.br/colunas/2021/12/15/na-contramao-do-mundo-petrobras-fica-cada-vez-mais-suja-ambientalmente.htm>>. Acesso em 19 de dezembro de 2024.

BRITO, J. A.; GIACOMINI, F. G. **Greenwashing e as organizações no contexto do Século XXI**. RMS-Revista Metropolitana de Sustentabilidade, v.4, n.1, p.95-106, 2014.

B3. **Resultados ISE B3 2024**. Disponível em: <https://esgws.b3.com.br/login?email=rhafannyv@gmail.com&client=None&token=eyJ1c2VyljoyNjc3LCJyZWdpc3RyYXRpb25fcmVxdWVzdCI6MjY5OX0:1tONeC:B-CcNtKgrilCFwp0IJZFMeb_auuHygSg9NU32ZqaCWs>. Acesso em 19 de dezembro de 2024.

CAMP, R. C. **Benchmarking: The Search for Industry Best Practices that Lead to Superior Performance**. Quality Press, 1989.

CAPGEMINI RESEARCH INSTITUTE. **Report Consumer Products and Retail: How sustainability is fundamentally changing consumer preferences**, 2020. Disponível em: <<https://www.capgemini.com/insights/research-library/how-sustainability-is-fundamentally-changing-consumer-preferences/>>. Acesso em 08 de fevereiro de 2025.

DAVIS, K. **The case for and against business assumption of social responsibilities**. *The Academy of Management Journal*, v. 16, n. 2, p. 312-322, June 1973.

DELMAS, M. A.; BURBANO, V. C. **Greenwashing occurs when a firm makes misleading claims or exaggerates its environmental initiatives to appear more environmentally friendly than it actually is**. *The Drives Of Greenwashing. California Management Review*, 54, 64–87, ano 2011.

ECCLES, R. G.; KLIMENKO, S. **The Investor Revolution: Shareholders Are Pushing Companies to Address ESG Issues**. *Harvard Business Review*, 2019.

FEROLA, B. G.; PAGLIA, L. B.; **ESG: primeiros passos, em especial para empresas públicas**. *Revista Latino-americana de Governança*, Brasília (DF), v. 1, n. 1, p. e027.

FURLOW, K. **Greenwashing: A study of deceptive environmental advertising.** apud RAMALHO, A. L. O. S.; OLIVEIRA, F. M.; CABRAIL, A. C. A.; SANTOS, S. M.; HOLANDA, C. T.; RICARTE, T. L. Estudo bibliométrico sobre greenwashing: o estado da arte da produção científica internacional. 2024. p. 1-26.

GOMES, F.; TORTATO, U. **Adoção de práticas de sustentabilidade como vantagem competitiva: evidências empíricas.** Revista Pensamento Contemporâneo em Administração, v. 5, n. 2, p. 33-49, 2011.

GREENPEACE. **Greenpeace book of greenwash.** 2008. 36p. Disponível em: <<http://research.greenpeaceusa.org/?a=view&d=4519>>. Acesso em 15 dezembro 2024.

INVESTIDOR 10. **Top 39 ações de maior valor de mercado.** Disponível em: <<https://investidor10.com.br/acoes/rankings/maiores-valor-de-mercado/#todos>>. Acesso em 19 de dezembro de 2024.

IRIGARAY, H. A. R., VERGARA, S. C., ARAÚJO, R. G. **Responsabilidade Social Corporativa: o que revelam os relatórios sociais das empresas.** Revista o&s - Salvador, v. 24, n. 80, p. 73-88, Jan./Mar. 2017.

ITAÚ. **Estratégia ESG. ITAÚ 2024.** Disponível em: <<https://www.itaubank.com.br/sustentabilidade/estrategia-esg/>>. Acesso em 16 de fevereiro de 2024.

LOVATO, M. L.; **GREENWASHING NO BRASIL: quando a sustentabilidade ambiental se resume a um rótulo.** Revista Eletrônica do Curso de Direito - UFSM. ISSN 1981-3694.

LYON, T. P.; MAXWELL, J. W. **Greenwash: Corporate environmental disclosure under threat of audit.** apud RAMALHO, A. L. O. S.; OLIVEIRA, F. M.; CABRAIL, A. C. A.; SANTOS, S. M.; HOLANDA, C. T.; RICARTE, T. L. Estudo bibliométrico sobre greenwashing: o estado da arte da produção científica internacional. 2024. p. 1-26.

MARCINIAK, A.; **Definição de greenwashing.** apud RAMALHO, A. L. O. S.; OLIVEIRA, F. M.; CABRAIL, A. C. A.; SANTOS, S. M.; HOLANDA, C. T.; RICARTE, T. L. Estudo bibliométrico sobre greenwashing: o estado da arte da produção científica internacional. 2024. p. 1-26

MOURA, G.G.; POMPEO, K.L.B. **A influência do greenwashing nas atitudes do consumidor em relação às marcas que o adotam.** Seminário de Iniciação Científica da ESPM-IX. Anais. São Paulo: 2015. 18p.

NEMES, L.; KISS, G.; KISS, A. **Greenwashing: A critical review of the literature.** apud RAMALHO, A. L. O. S.; OLIVEIRA, F. M.; CABRAIL, A. C. A.; SANTOS, S. M.; HOLANDA, C. T.; RICARTE, T. L. Estudo bibliométrico sobre greenwashing: o estado da arte da produção científica internacional. 2024. p. 1-26.

PETROBRAS. **ESG**: meio ambiente, social e governança. PETROBRÁS, 2024. Disponível em: <<https://www.investidorpetrobras.com.br/esg-meio-ambiente-social-e-governanca/meio-ambiente/>>. Acesso em 16 de novembro de 2024.

RAMALHO, A. L. O. S.; OLIVEIRA, F. M.; CABRAIL, A. C. A.; SANTOS, S. M.; HOLANDA, C. T.; RICARTE, T. L.; **Estudo bibliométrico da produção científica sobre greenwashing**. Rev. Gest. Soc. Ambient. |Miami|v.18.n.5|p.1-26|e05280|2024.

SEELE, P.; GATTI, L. **Greenwashing revisited: In search of a typology and accusation-based definition incorporating legitimacy strategies**. apud RAMALHO, A. L. O. S.; OLIVEIRA, F. M.; CABRAIL, A. C. A.; SANTOS, S. M.; HOLANDA, C. T.; RICARTE, T. L. Estudo bibliométrico sobre greenwashing: o estado da arte da produção científica internacional. 2024. p. 1-26.

SIANO, S.A; VOLLERO, A.; CONTE, F., AMABILE, S. **“More than words”**: Expanding the taxonomy of greenwashing after the Volkswagen. *Journal of Business Research*, v.71, p.27–37, 2017.

SOUZA, J. F. V.; **Uma abordagem crítica sobre greenwhasing na atualidade**. Rev. de Direito Ambiental e Socioambientalismo | e-ISSN: 2525-9628 | Maranhão | v. 3 | n. 2 | p. 148 – 172 | Jul/Dez. 2017.

SMITH, C. **The new corporate philanthropy**. *Harvard Business Review*, 1994, 72(3), 105- 116.

TRIPATHI, V.; BHANDARI, V. **Socially responsible investing—An emerging concept in investment management**. *FII Business Review* 3 (4): 16–30, 2014.

WALTER, I. **Sense and Nonsense in ESG Ratings**. *Journal of Law, Finance, and Accounting*. 5: 307–336, 2020.

WALKER, K.; WAN, F. **The harm of symbolic actions and green-washing: Corporate actions and communications on environmental performance and their financial implications**. apud RAMALHO, A. L. O. S.; OLIVEIRA, F. M.; CABRAIL, A. C. A.; SANTOS, S. M.; HOLANDA, C. T.; RICARTE, T. L. Estudo bibliométrico sobre greenwashing: o estado da arte da produção científica internacional. 2024. p. 1-26.

WEG. **Sustentabilidade**. WEG, 2024. Disponível em: <<https://www.weg.net/institucional/BR/pt/sustainability/home>>. Acesso em 20 de dezembro de 2024.

VALE. **ESG. VALE 2024**. Biblioteca de Documentos. Disponível em: <<https://vale.com/pt/esg/biblioteca-de-documentos>>. Acesso em 18 de dezembro de 2024.

YU, L.; LUU, T.; CHEN, Y. **Greenwashing in the context of environmental, social, and governance (ESG) disclosures**. apud RAMALHO, A. L. O. S.; OLIVEIRA, F. M.; CABRAIL, A. C. A.; SANTOS, S. M.; HOLANDA, C. T.; RICARTE, T. L. Estudo bibliométrico sobre greenwashing: o estado da arte da produção científica internacional. 2024. p. 1-26.